

# É POSSÍVEL NÃO SER RACISTA NUMA SOCIEDADE RACISTA? UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA<sup>1</sup>

Elizabeth Aparecida Pereira Tapias Martinez <sup>2</sup>  
Sueli Guadalupe de Lima Mendonça <sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho parte da produção e implementação de uma sequência didática com o tema racismo em turmas do ensino médio de uma escola pública. A justificativa da sequência se pauta pela fragilidade desse importante tema na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Currículo Paulista etapa Ensino Médio (CP) e pela vulnerabilidade das juventudes negras, afetadas por políticas educacionais resultantes de problemas estruturais do Brasil. A hipótese é que o currículo, materializando políticas neoliberais, dificulta o desenvolvimento do ensino-aprendizagem para a população negra, não havendo um processo emancipatório nas relações étnico raciais. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação e a pesquisa qualitativa, que fundamentaram a elaboração da sequência didática, análise do tema e do currículo, tendo como referencial teórico a Teoria Histórico-Cultural para discutir o tema do racismo com estudantes do ensino médio no ensino de Sociologia como uma alternativa ao currículo atual. Os resultados do trabalho apontam para contribuição da sequência nos avanços na aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, verificáveis durante o processo de implementação, expressos nas sínteses coletivas das aulas, onde várias manifestações explicitaram momentos de ruptura com senso comum e a internalização/externalização dos conceitos científicos sobre o racismo.

**Palavras-chave:** Racismo, Relações étnico raciais, Ensino de Sociologia, Juventudes negras, Teoria histórico-cultural.

## INTRODUÇÃO

O artigo trata da produção e implementação de sequência didática “É possível não ser racista numa sociedade racista? Uma proposta de sequência didática para o ensino de Sociologia”, como alternativa ao esvaziamento do conteúdo racismo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e no Currículo Paulista etapa Ensino Médio (CP).

Na escola percebemos a importância de ações estruturadas conforme prevê a Lei 10.639/03, que dialogue com sentido e significado (LEONTIEV, 1978) das necessidades e a motivação dos estudantes a partir da vivência de momentos de reflexão e valorização da cultura africana e afro-brasileira, por meio de diversificadas leituras para a construção de

<sup>1</sup> Este texto é parte da pesquisa final para obtenção do título de mestre junto ao ProfSocio/Unesp, com financiamento da Capes.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia do Curso de ProSocio da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília, [elizabeth.pereira@unesp.br](mailto:elizabeth.pereira@unesp.br)

<sup>3</sup> Coautor: livre-docente da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/SP, [sueli.mendonca@unesp.br](mailto:sueli.mendonca@unesp.br)

conhecimentos científicos que possibilitassem o reconhecimento da importância do diálogo, convivência e respeito.

Partindo do pressuposto de que a cultura africana e afro-brasileira são marcadas por estereótipos criados pelo caráter único e eurocêntrico de se contar a história, a escola também desempenha o importante papel de reprodução social, notamos cenas de preconceito, discriminação e racismo que afligem crianças, jovens e servidores públicos negros nesse espaço social. O cabelo crespo da menina é alvo de piadas, a pele preta do garoto é vista com maus olhos. As características físicas, culturais e religiosas de alguns estudantes são alvo zombarias e risos. Situações como essas acontecem de forma tão cotidiana e naturalizada que, quando alguém ousa tocar no assunto, é visto como o chato do “*politicamente correto*”. Kabengele Munanga (2012) já dizia que “o nosso racismo é um crime perfeito”, pois conta com o silenciamento de quem se beneficia dos diversos privilégios concedidos aos não negros.

Como docente foi possível perceber que a escola tem perdido importância como espaço primordial de ensino e aprendizagem. Tal percepção se expressa pela falta de interesse e/ou pouca participação dos estudantes. O professor é visto como o único detentor dos conhecimentos, pois utiliza os mesmos recursos didáticos. Não há interação ou aproximação dos temas e assuntos que interessam e fazem parte da realidade da maioria dos estudantes. Assim, consideramos que a sequência didática em questão serviu de ferramenta que motivou a participação ativa dos estudantes negros e não negros na utilização de categorias como o estranhamento e a desnaturalização do racismo para gerar novos conhecimentos.

## **METODOLOGIA**

Para organizar e implementar a sequência didática partimos dos estudos de Sforzi que coloca a necessidade do professor delimitar o ponto de partida para o desenvolvimento e planejamento dos conteúdos das aulas. Para isso foi necessário a apropriação dos conhecimentos, saberes dos estudantes e dos objetos da aprendizagem, assim como os processos cognitivos e afetivos desses sujeitos, e diante desse conhecimento propomos atividades motivadoras, prazerosas e desafiadoras para os estudantes. (SFORZI, 2017, p. 92).

- Apoiada na Lei 10.639/03 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. (2004), definimos nossos objetivos de trabalhar conceitos como

raça, racismo e suas interfaces, como eugenia, miscigenação, colorismo, etnia, colonialismo, escravização, ideologia, desigualdade social, segregação, estigmatização, marginalização, classes sociais e cidadania; bem como a elaboração e sistematização de ações que pudessem analisar o papel da disciplina de Sociologia na desconstrução do preconceito, discriminação e racismo em relação às pessoas negras;

A sequência foi organizada num total de dez ações levando em consideração sempre a intencionalidade de criar necessidades para que os estudantes pudessem transformá-las em motivos para construir seus respectivos conhecimentos. Tais ações pautaram-se na pesquisa, elaboração e produção de textos didáticos, apreciação de fotos, imagens, leitura de excertos como fontes de estudo e análise dos estudantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para responder à questão norteadora “É possível não ser racista numa sociedade racista?”, a sequência foi estruturada a partir da Teoria da Atividade desenvolvida por Leontiev, que defende que o homem se desenvolve a partir do momento em que consegue satisfazer uma determinada necessidade no meio em que vive, se relaciona e com isso se tornar humano.

As autoras Luciana Mara Tachini Barbosa e Marilda Gonçalves Dias Facci (2018) apontam que o sujeito nasce com as funções psicológicas elementares e que com o aprendizado por meio da cultura e das vivências adquiridas, essas funções tornam-se funções psicológicas superiores e que são um tipo de comportamento consciente, com ação proposital, capacidade de planejamento e pensamento abstrato.

[...] todo comportamento humano é aprendido primeiro em nível interpsicológico, a partir das interações sociais, e depois passa a ser internalizado. O mesmo ocorre com as funções psicológicas superiores tais como a memória lógica, raciocínio abstrato, atenção concentrada entre outras funções. Essas funções, com a apropriação da cultura, deixam de ser biológicas e passam a ser culturais. Tal desenvolvimento ocorre por meio da mediação de instrumentos e signos – os instrumentos físicos são aqueles que potencializam as ações materiais dos homens, enquanto os instrumentos simbólicos (signos) permitem sua ação mental. (BARBOSA e FACCI, 2018, p. 50).

Dessa maneira optamos pela Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 1896-1934), que tem como tema central o desenvolvimento humano e a aprendizagem, e assim, estabelece que cada indivíduo é capaz de se desenvolver e aprender a partir das interações com o meio em que se relaciona; ou seja, o indivíduo modifica o ambiente e este o modifica de volta. Para ele, o homem é um ser que se forma em contato com as diversas dimensões da sociedade; a

interação com o ambiente é um fator decisivo como vivência pessoal e significativa para cada um.

Diante das possibilidades da *Teoria Histórico-Cultural* de Vigotski que tem sua centralidade a partir da interação com o meio sociocultural — a sociedade —, o professor como sujeito mais experiente por meio de uma ação mediadora deve colocar os estudantes numa relação direta com os objetos da cultura e estimular a interação entre esses e seus pares, sendo essa troca de suma importante para a geração de novos aprendizados e vivências durante esse processo.

Dessa maneira elaboramos, propomos e organizamos os conteúdos em ações voltadas ao desenvolvimento dos estudantes, partindo de uma relação dialética entre o conhecimento acumulado com os que ainda necessitam ser apreendidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades partiram de uma situação-problema, não como uma mera exposição oral, mas uma ação que estimulasse a leitura, reflexão e argumentação das ideias, e outros trabalhos que foram desenvolvidos individual, em pequenos grupos ou coletivamente de forma que os estudantes em parceria pudessem cooperar e participar ativamente da elaboração. Nessa relação dialética, estabelecemos a pergunta norteadora “*é possível não ser racista na sociedade racista?*” como situação-problema a ser desenvolvida pela sequência didática. A estrutura da sequência didática foi elaborada a partir da Teoria da Atividade de Leontiev (2010),

1. **Necessidades:** naturais (biológicas) e/ou superiores do sujeito. Estado de carências.
2. **Motivo:** parte do sujeito da atividade, impulsiona-o a agir. É o objeto da atividade no plano mental, mas ainda não apropriado pelo sujeito. Há a identificação do objeto que atenderá a necessidade.
3. **Ação:** processo em que o sujeito vai efetivamente ao encontro do objeto da atividade. É o que fazer.
4. **Operações:** meio, modo, suporte à realização da(s) ação(es) no interior de uma atividade.
5. **Objetivo:** objeto da atividade (essência conceitual), materialização do motivo.

Leontiev é enfático ao destacar que nem tudo é atividade, para que haja atividade

é preciso que haja antes, motivo. Esse conceito é designado apenas aos processos que “satisfazem uma necessidade especial correspondente. Por atividade, designamos os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo. (LEONTIEV, 2010, p. 68).

Leontiev denomina de operações os métodos para realizar diferentes ações. As ações são relacionadas com os objetivos e as operações com as condições. Se tivermos o objetivo de dividir um objeto em partes (ação), por exemplo, poderemos recorrer a diferentes procedimentos (operações) para fazê-lo, como cortar, quebrar, serrar, desmontar, etc. A sequência didática foi desenvolvida por meio de dez temas: Preconceito; Discriminação; Colorismo; Escravização; Desigualdades Sociais; Segregação; Estoigmatização; Marginalização; Classes Sociais e Cidadania. Escolhemos dois deles para este trabalho. Cada conjunto de aulas chamaremos de “Ação”, pois cada conjunto comporá a *Atividade Central - Sequência Didática*. Cada ação além de dinâmicas também contou com textos didáticos elaborados pela pesquisadora.

#### *Ação 01 (2 aulas) - Criar necessidades para transformá-las em motivos*

Para enriquecer as ações, antes de apresentar a questão norteadora e o tempo necessário para discussões com os estudantes, pensamos ser necessário a intervenção da professora/pesquisadora com uma roda de conversa para que os estudantes pudessem identificar a temática da aula, contribuir para que fosse possível acionar os conhecimentos prévios e com isso, iniciar o desenvolvimento da necessidade. Mas qual seria a melhor ação para iniciar? De onde partir? Pensamos então em iniciar as discussões com os estudantes a partir da apresentação de registros de falas de políticos de extrema direita que partem do racismo como ação recreativa e imagens para realização de indagações que remetessem aos vários tipos de preconceitos, discriminações e racismo.

FIGURA 1 — Fala do ex Presidente Bolsonaro e piada feita pela Deputada Bia Kicis



FONTE: Imagens retiradas da internet (2018 e 2020)

FIGURA 2 — Parte da amostra de imagens apresentada aos estudantes.



FONTE: Imagens retiradas da internet (2022)

Essa ação foi desenvolvida como ponto de partida inicial para a temática da aula antes de lhes apresentar a questão norteadora.

Desse modo, sistematizamos nossas ações para a primeira aula da seguinte maneira:

1. Situação-Problema: Quais tipos de preconceito, discriminação e racismo são possíveis identificar nas imagens, na fala do Presidente Bolsonaro e na piada feita pela Deputada Bia Kicis?
2. Motivo/Objeto: “O que significa preconceito, discriminação e racismo?”
3. Objetivo: Introduzir a temática a ser estudada com os conceitos preconceito, discriminação e racismo.
4. Ações: Dinâmica inicial.
5. Operações: Amostra de imagens evidenciava situações de preconceito, discriminação e racismo veiculadas nos diferentes meios de comunicação, além da cópia da fala do Presidente Bolsonaro e da piada feita pela Deputada Bia Kicis e foi pedido para que os estudantes escolhessem uma das imagens identificando-as e justificando suas respectivas escolhas a partir de seus conhecimentos prévios, e em seguida fizessem suas considerações.
  - 1) Questão norteadora: “É possível não ser racista numa sociedade racista?”

Objetivo: Gerar a necessidade nos estudantes de saber mais sobre os conteúdos “preconceito, discriminação e racismo”, para que desejassem aprofundar o assunto. Para que transformassem essa necessidade em um problema a ser enfrentado, a ser resolvido, com intencionalidade.

Questões para debate após a socialização das ideias apresentadas:- Conhece alguém que já teve atitudes racistas? - Como age uma pessoa racista? - Quais tipos de palavras, falas e/ou comentários são reproduzidos no dia a dia que nos levam a perceber, que são preconceituosas, discriminatórias e racistas? - Você tem algum tipo de

preconceito?

Durante a realização do debate os estudantes verbalizaram palavras e expressões que acreditavam ser racistas, que a priori foram registradas na lousa e depois organizadas em tabelas.

Avaliação: de modo geral os estudantes demonstraram interesse e participaram ativamente da atividade; sendo que cada imagem escolhida foi imediatamente justificada e nomeada de acordo com a situação abordada com diversos comentários.

No decorrer da atividade, os estudantes levantaram também questões relacionadas à autodeclaração e a professora/pesquisadora colocou que de acordo com a atual classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o quesito "cor ou raça", é composto das categorias brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas. Mas que retomaria o assunto com mais profundidade nas atividades seguintes.

Mediante a situação apresentada, fez parte do debate questionamentos acerca da maneira pela qual os estudantes se autodeclararam naquele momento, conforme o quadro que segue no quadro abaixo:

QUADRO 1 — Autodeclaração dos Estudantes 1

<b>Autodeclaração dos Estudantes</b>	
Branco	6
Pardos	11
Pretos	10
Amarelos	2
Indígenas	0
Não soube informar	5
Total de estudantes	34

FONTE: Organização da autora (2022).

Outra questão evidenciada por meio do debate foi de que uma considerável quantidade de estudantes, mais precisamente de onze estudantes, que fazem parte do grupo dos autodeclarados brancos e aqueles que não souberam informar, expuseram suas respectivas dificuldades em compreender quais eram as sensações e sentimentos que as pessoas sentem principalmente no campo emocional e afetivo nos momentos em que sofrem ações de cunho preconceituoso, discriminatório e racista.

Tal preocupação exigiu pensar em estratégias que poderiam ser utilizadas para que, mesmo de maneira simples, pudesse contribuir com esse entendimento que é tão subjetivo. No momento respondi que iria pensar em algo que pudesse vir a colaborar para que fosse possível compreendermos como as pessoas que sofrem esses tipos de violências como o preconceito, discriminação e racismo se sentem.

Essa primeira ação foi de extrema importância para saber o que os estudantes já

conheciam a respeito dos conceitos preconceito, discriminação e racismo, e dessa maneira verificar o que eles pensam sobre o que se pretende ser transformado em motivo para apreender. No desenvolvimento dessa primeira ação compreendemos que o conhecimento e as dúvidas dos estudantes em relação aos diferentes significados dos conceitos de preconceito, discriminação e racismo poderiam fazer parte do concreto imediato da turma (SFORNI, 2017).

Tal situação é evidenciada por Munanga (2004, p. 52) ao dizer que no Brasil não é fácil definir quem é negro e que não é, uma vez que “há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso”, como pode ser evidenciada nos dados apresentados no quadro sobre a autodeclaração dos estudantes.

FIGURA 3 — Momento da ação com os estudantes



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

#### *Ação 02 (4 aulas) - Placa nas costas*

Para dirimir algumas das questões levantadas na ação anterior propomos uma nova dinâmica, intitulada “Placa nas costas”, que consistia em fixar nas costas dos estudantes alguns termos e conceitos, sem que eles soubessem o que estava ali escrito, a fim de que fosse possível por meio de formas de falar descobrir qual era o tipo de preconceito, discriminação e racismo que estava ali representando.

1. Situação-Problema: Como se sentem as pessoas que sofrem situações que envolvem preconceito, discriminação e racismo?
2. Motivo/objeto: “O que significa preconceito, discriminação e racismo?”
3. Objetivo: Conceito de preconceito/discriminação/racismo.
4. Ações: Dinâmica placa nas costas: Sensibilização interativa e artística para a compreensão de quais sensações e sentimentos das pessoas que sofrem ações de cunho preconceituoso, discriminatório e racista.
5. Operações: Confecção e ficção de placas com termos, palavras e expressões preconceituosas, discriminatórias e racistas nas costas dos estudantes. E num círculo um estudante se colocava no centro e os demais deveriam dizer palavras, frases e/ou

expressões que remeteriam ao que estava escrito e esse estudante deveria descobrir qual era a palavra como no exemplo abaixo.

FIGURA 4 — Momento da ação com os estudantes



FONTE: Acervo pessoal da autoria (2022).

6. Avaliação da Ação: Ao utilizar práticas cênicas como ferramenta didática, a partir do método *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, a sala de aula se tornou um ambiente estimulante e crítico; pois todos os estudantes tiveram condições de expor seus sentimentos e sensações em relação aos impactos dos diferentes tipos de violências reproduzidos no momento.

Na roda de conversa os estudantes relataram que demoraram para entender e relacionar as frases e palavras ditas pelos demais estudantes com a palavra escrita em suas costas, e que se sentiram mal, uma sensação de peso e que tiveram vontade de chorar em ouvir tudo o que havia sido dito; e que é difícil de acreditar que ainda existem pessoas capazes de utilizar falas e atitudes discriminatórias e racistas com outros seres humanos.

Uma das estudantes envolvidas em todo o processo verbalizou, que foi moradora da comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, com uma população de aproximadamente 180 mil habitantes e que era constantemente identificada como “favelada” devido a cor de sua pele e por seguidas vezes ouvia que era uma menina incapaz de aprender e sem futuro.

Vale ressaltar a importância dessa ação para o processo educativo na prevenção e combate de atitudes preconceituosas, discriminatórias e racistas ao menos com estudantes dessa turma com a qual vem sendo desenvolvida a sequência didática, que estão a cada aula ressignificando suas próprias vivências.

Para Leontiev (1978), a atividade humana não existe sem ter uma necessidade de que se transforme em motivo, que leve o sujeito ao encontro do objeto que a satisfaça. A dinâmica utilizada permitiu o encontro dos estudantes com o preconceito, criando novas necessidades de compreender esse processo, sendo um fio condutor para a realização da

SQ como um todo, pois ela forneceu condições para que os estudantes pudessem interagir, internalizar e exteriorizar por meio dos depoimentos as sensações que tiveram a partir das colocações dos demais estudantes como nos relata Vigotski:

A construção do conhecimento ocorre a partir de um grande e importante processo de interação, pois além da importância da socialização no processo de construção do conhecimento, a afetividade tem um importante papel na construção do próprio sujeito e em suas ações (VYGOTSKY, 1994, p. 75).

E nesse processo de interação e socialização com o meio externo, os estudantes desencadearam novas relações conceituais, que contribuíram com a superação de níveis de senso comum referente ao racismo, além de contribuir para a construção da identidade conforme nos alerta Gomes:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o racismo, as relações étnico-raciais, e ainda propor, desenvolver e implementar uma sequência didática na 2ª série do ensino médio foi um imenso desafio. Esse desafio fez com que buscássemos na Teoria Histórico- Cultural (THC) de Vigotski (2010) elementos para compreender o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, sem prejuízos de referências da Teoria da Atividade (TA) elaborada por Leontiev (2004; 2010), que nos colocou diante da importância de provocar o interesse nos estudantes a partir da necessidade de ter um motivo para aprender, sendo que o motivo impulsionou a ação do estudante de modo que ele fosse responsável por sua aprendizagem.

Entretanto, no cotidiano escolar em que estamos inseridos percebemos a existência de obstáculos, que se entropõem a transformação da ação do professor, que além das burocracias cotidianas, da imposição de um currículo engessado e esvaziado lidam com uma política educacional que tem como foco a mercantilização da educação (o Novo Ensino Médio é um exemplo disso, ao eliminar ou diminuir do currículo as disciplinas de Ciências Humanas) e não uma educação humanizadora de acordo com os bens materiais e culturais que a sociedade tem acumulado historicamente, com ações voltadas ao desenvolvimento dos estudantes, partindo de uma relação dialética entre o conhecimento acumulado com os que ainda necessitam ser apreendidos.

Nos dias de hoje sabemos que o diálogo é algo perene e a escola é o local privilegiado, onde os diversos sujeitos sociais interferem direta ou indiretamente no ensino e aprendizagem, estabelecendo novos sentidos em ensinar e aprender cotidianamente na sala de aula, e fora dela. O trabalho para uma educação antirracista é constante e não termina quando a aula acaba, são necessárias ações que perpetuem uma educação humanizadora e que possibilite equidade.

Ao finalizar as ações refizemos os questionamentos acerca da maneira pela qual os estudantes se autodeclaravam naquele momento, conforme o quadro que segue no quadro abaixo:

Quadro 2 - Autodeclaração dos Estudantes 2

Autodeclaração dos Estudantes	
Branços	3
Pardos	1
Pretos	27
Amarelos	2
Indígenas	1
Não soube informar	0
Total de estudantes	34

Fonte – Organização da autora (2022).

Seguramente as ações realizadas contribuíram para a visível mudança nas autodeclarações dos estudantes, sendo que o conceito da branquitude passou a fazer parte do interesse dos estudantes em saber mais sobre o assunto, que foi compreendido como uma construção social conforme aponta Lourenço Cardoso (2008), pois a branquitude como identidade racial do branco define-se como “um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, em uma posição de poder, em uma geografia social de raça, e como lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo” (Cardoso *apud* Frankenberg, 2008, p. 611).

Para Leontiev, a educação constitui um processo de apropriação, condição fundamental para que o indivíduo se humanize e possa reunir condições, que, por meio da problematização, podem transformar sua própria realidade e compreensão dos conteúdos, que neste caso se refere a mudança no comportamento em relação a autodeclaração dos estudantes, que como sujeito da ação produtiva e transformadora da vida social, conseguiram avançar em seus respectivos conhecimentos de si mesmos, como nos revela a teoria vigotskiana, em que o indivíduo “não é passivo nem apenas ativo; é interativo” (VIGOTSKY, 1998, p. 21).

Assim construir uma identidade, para Erikson (1972), implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M. T. e FACCI, M. G. D. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para o ensino médio: conhecendo a adolescência.** Psicol. educ. [online]. 2018, n.47, pp. 47-55.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão.** História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Brasília: Ministério da Educação - 2005.

LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A. N. **Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil.** In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução Maria da Pena Villalobos. São Paulo: Ícone, 2010.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, 05/11/03. São Paulo: FFLCH, 2004.

MUNANGA, Kabengele. O nosso racismo é um crime perfeito. Entrevista concedida a Camila Souza Ramos e Glaucio Faria. 09/02/2012. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/>>. Acesso em 09 de setembro de 2023.

Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

SFORNI, M. S. **Interação entre didática e Teoria Histórico-Cultural.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 375-397, abr./jun. 2017.

SILVA, V. P. **Base Nacional Comum Curricular e Plano Nacional de Educação: Descaminhos, Resistências e Práxis.** In: MENDONÇA, S. G. L... [et al.] (organizadores), (De)Formação na escola: desvios e desafios – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.